



PORTUGAL

Zelensky pede apoio à Cúpula da Paz

Sob forte segurança, presidente da Ucrânia visita Lisboa e apela à comunidade internacional engajamento na proposta da Suíça para negociar o fim da guerra com a Rússia. Premiê Luís Montenegro promete convencer países lusófonos, mas Brasil deve ficar de fora

» VICENTE NUNES
CORRESPONDENTE

José Sena Goulão/AFP



Zelensky (E) e Montenegro trocam aperto de mãos, no Palácio São Bento: ucraniano faz tour diplomático por países europeus para obter apoio

Lisboa — Poucas vezes os portugueses viram um esquema de segurança tão forte como o montado ontem para a proteção do presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, que permaneceu apenas seis horas em Portugal. Quem passasse pelo Palácio de São Bento, residência oficial do primeiro-ministro, Luís Montenegro, se espantaria com a quantidade de atiradores de elite posicionados em pontos estratégicos do prédio, que fica numa região bastante movimentada da capital lusitana. Um helicóptero fazia a ronda incessantemente, indicando o tamanho da preocupação em evitar qualquer incidente envolvendo o líder ucraniano.

Zelensky chegou ao Palácio de São Bento por volta das 15h (11h em Brasília). Por quase duas horas, expôs a situação de seu país, invadido pela Rússia há mais de dois anos. Ele não poupou críticas ao presidente russo, Vladimir Putin, e fez enfáticos apelos para que o mundo se engaje no movimento liderado pela Suíça, que tenta negociar um acordo para por fim ao conflito. O líder ucraniano pediu que o maior número possível de nações participe, efetivamente, da Cúpula da Paz marcada para 15 e 16 de junho, a fim de garantir que as demonstrações de solidariedade não fiquem apenas na retórica. “Esse apoio precisa ser real e o mais amplo possível”, afirmou.

O Brasil indicou que não vai participar do encontro, pois não vê sentido em um debate sobre paz sem que envolva o outro lado, a Rússia. O primeiro-ministro português, no entanto, disse que está disposto a conversar com representantes dos países com

os quais Portugal tem profundas relações, sobretudo, os de língua portuguesa. “Estamos empenhados em dar o devido apoio político, financeiro e humanitário à Ucrânia, inclusive, na sua reconstrução. Temos feito isso junto à União Europeia, junto à Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte), nas Nações Unidas e com os países que temos relações de afeto”, assegurou.

Portugal foi a terceira parada de Zelensky na viagem por países

europeus em busca de apoio financeiro. Com o governo lusitano, ele assinou um acordo de cooperação de 126 milhões de euros (cerca de R\$ 720 milhões), dos quais 100 milhões de euros (R\$ 570 milhões) haviam sido prometidos pela gestão anterior, de António Costa. Esses recursos serão desembolsados para a compra de equipamentos militares e para treinamento de pessoal técnico e de pilotos dos caças F-16. O acordo valerá por 10 anos, podendo

ser renovado, o que exigirá, ao longo do tempo, novos repasses por parte de Portugal.

Adesão à UE

Montenegro afirmou que seu país dará todo o suporte à Ucrânia, seja do ponto de vista financeiro, seja do ponto de vista humanitário, para garantir a liberdade, os direitos humanos e a democracia ao povo ucraniano. Ele ressaltou que o processo de adesão da Ucrânia

à União Europeia deve se iniciar em junho e está encaminhada a aproximação daquele país à Otan, o que tende a elevar a tensão com a Rússia. “Estamos dando suporte à Ucrânia desde que o seu território foi invadido pelos russos de forma ilegal e inaceitável”, assinalou.

Anteontem, Zelensky passou pela Espanha, que anunciou o maior pacote de apoio financeiro à Ucrânia desde o início da guerra contra a Rússia, no valor de 1,1 bilhão de euros (R\$ 6,3 bilhões).

Estamos dando suporte à Ucrânia desde que o seu território foi invadido pelos russos de forma ilegal e inaceitável”

Luís Montenegro,
primeiro-ministro de Portugal

Nesta terça-feira, antes de desembarcar em Portugal, o presidente ucraniano transitou pela Bélgica, onde conseguiu um suporte de mais de 900 milhões de euros (R\$ 5,2 bilhões). “Esses apoios serão fundamentais para as necessidades emergenciais, mas precisamos de muito mais, sobretudo de sistemas de defesa antiaérea e de drones”, destacou. Ele também enfatizou que não há como o povo ucraniano se cansar da guerra, pois isso significaria dizer que não há justiça no mundo, que seria governado por “loucos como (Vladimir) Putin”.

Para Montenegro, é preciso condenar veementemente a invasão da Ucrânia pela Rússia, ataque que não tem poupado civis, especialmente, mulheres e crianças. Ele lembrou que, desde o início do conflito, em fevereiro de 2022, Portugal recebeu mais de 60 mil pedidos de asilos de ucranianos, dos quais concedeu pouco mais de 50 mil. “Estamos falando do segundo maior grupo de estrangeiros vivendo em Portugal em harmonia e integrado ao país”, frisou. A maior comunidade estrangeira em Portugal é a brasileira, com mais de 400 mil pessoas legalizadas.

ORIENTE MÉDIO

Tanques avançam pelo centro de Rafah

» RODRIGO CRAVEIRO

Bashar Taleb/AFP



Palestinos chegam de carroça puxada por burro, em Khan Yunis, depois de fugirem de Rafah

No dia em que a Noruega, a Espanha e a Irlanda reconheceram oficialmente a Palestina como um Estado, Israel lançou nova etapa de sua ofensiva contra Rafah, no sul da Faixa de Gaza. Pela primeira vez, tanques israelenses foram vistos avançando pelo centro da cidade, de onde cerca de 1 milhão de palestinos fugiram, nas últimas três semanas, de acordo com a Agência de Nações Unidas para os Refugiados Palestinos (UNRWA). Por meio do WhatsApp, fontes de Rafah informaram a presença de tanques no campo de deslocados de Yabna; diante da Mesquita Ali bin Abi Talib, no oeste; e em três praças da cidade. “Em todos os locais, as casas estão expostas a violentos projéteis de artilharia”, afirma uma das mensagens.

O Conselho de Segurança da ONU reuniu-se, ontem, em caráter de emergência, para discutir o bombardeio a um acampamento de deslocados internamente, no último domingo, em que 45 pessoas foram queimadas vivas. Apesar do massacre ter provocado indignação internacional, os Estados Unidos sinalizaram que consideram “limitada” a operação militar em

Rafah. As Forças de Defesa de Israel (IDF) alegaram que, devido a circunstâncias imprevistas, um incêndio começou, após o ataque, ceifando a vida de civis nas imediações. “É um incidente devastador, pelo qual não esperávamos. (...) O ataque foi conduzido usando duas munições com pequenas ogivas adequadas, (...) com 17kg de material explosivo. A nossa munição, por si só, não poderia ter acendido um incêndio dessa dimensão”, disse Daniel Hagari, porta-voz das IDF. Segundo o Exército israelense,

um depósito de munições escondido na área pelo grupo extremista Hamas teria causado as labaredas.

Depois de fugir com a família para Deir Al-Balah, a 19km de Rafah, a ativista comunitária Walaa Najeh Hassan, 30 anos, abrigou-se na casa de familiares. Questionada pelo **Correio** sobre o que espera do futuro, ela respondeu: “Destrução completa e total”. Por amigos que ficaram em Rafah, ela confirmou que os tanques chegaram ao coração da cidade. “Eles me disseram que algumas casas

foram atingidas pelos mísseis e pelos morteiros de canhões”, contou.

Conselheiro do Tribunal Penal Internacional e ex-chefe do Escritório Jurídico da UNRWA em Gaza, Johann Soufi disse à reportagem que a incursão terrestre em Rafah representa uma “clara violação da ordem dada pela Corte Internacional de Justiça”. Em 24 de maio, o tribunal da ONU instruiu Israel a suspender a ofensiva. “Isso mostra quão pouca consideração o governo israelense tem pelo trabalho das Cortes

internacionais. Infelizmente, até agora, não há consequências, apesar das imagens horríveis vindas de Rafah, porque os Estados aliados de Israel, principalmente os EUA, não tomam qualquer medida para sancionar essas violações flagrantes da lei.”

Estado palestino

A oficialização da decisão de Espanha, Irlanda e Noruega de reconhecer o Estado palestino provocou a ira de Israel. O governo de Benjamin Netanyahu acusou o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, de ser “cúmplice na incitação ao assassinato do povo judeu”. Em pronunciamento à nação, Sánchez disse que o reconhecimento “não é apenas uma questão de justiça histórica, com as legítimas aspirações do povo palestino; é, além disso, uma necessidade urgente para alcançar a paz”. “É a única maneira de avançar até a única solução possível para obter um futuro de paz: a de um Estado palestino que conviva com o Estado de Israel, em paz e em segurança”, declarou. Ele acrescentou que a solução se baseia no respeito ao direito internacional e na defesa da ordem mundial sustentada em regras.

Depoimento

“Não há lugar seguro”

“Esta guerra levou tanta gente. Muitas pessoas foram assassinadas pelos bombardeios, pela fome, pela fumaça. Alguns palestinos ficaram sob os escombros por cinco meses. Todos nós sentimos medo e pânico. Meu filho caçula, Joseph, se esconde entre meus braços. Minha filha chora. Todas as pessoas gritam por aqui. O barulho das bombas, à noite, é assustador. Sempre vem seguido por um eco incomum. Temos sofrido com a desnutrição. Há três meses, não como frango nem carne. Há oito, não comemos frutos do mar nem peixe. Praticamente não existe proteína na cidade. Eu e minha família deixamos Rafah anteontem. Sinto-me chateada e triste por isso. Mas, não existe lugar seguro em Gaza. Estamos em Deir Al-Balah, a 18km de Rafah, na casa de familiares. Daqui, podemos escutar as explosões em Rafah.”

Walaa Najeh Hassan, 30 anos, palestina deslocada de Rafah com a família, na manhã de segunda-feira. Depoimento concedido ao **Correio**